



Fundador do BE recordou que foi em 1962 que ocorreu a grande explosão contra a opressão

# Geração de 60 não soube impedir

# esvaziamento das conquistas da Revolução

“As gerações saídas das lutas

estudantis dos anos 60, início dos anos 70, ganharam quando contribuíram para preparar e fazer a Revolução de 74/75 e, com ela, a democracia política e social. Mas também perderam”, afirmou ontem o historiador Fernando Rosas.

“Perderam, na minha opinião, quando não conseguiram impedir que a canonização da democracia se transformasse em sinónimo de esvaziamento de conquistas fundamentais da revolução. E com isso sofreriam um revés maior:

o de perder a hegemonia a favor da ideologia da política e da economia neoliberal e do seu projeto regressivo de nova opacidade e desigualdade”, defendeu.

Para o historiador, “a questão que hoje se pode colocar face a esse passado é, precisamente, a de saber recriar e potenciar o papel subversivo e criador dessa memória e dessa experiência para os desafios e trabalhos do presente e do futuro”.

Fernando Rosas participou no primeiro dos colóquios organizados no âmbito do “Abril é Agora” para pensar o passado, presente e futuro de 60 anos de lutas estudantis, que decorreu na Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra (FEUC).

O fundador do Bloco de Esquerda recordou ainda que foi em 1962 que ocorreu a grande explosão contra a opressão, contra a repressão política, contra o “caráter arcaico” da

universidade. Seguiram-se lutas de 1965 e as de 1969 e, a partir daí, a universidade ficou “praticamente ingovernável.”

“A luta estudantil contra a ditadura, e depois contra a guerra colonial, contribuiu para forjar uma corrente geracional multifacetada e plural do ponto de vista político e ideológico, mas que teve uma importância decisiva na alteração das relações de hegemonia na resistência ao regime e na preparação do ambiente que viria a preparar a sua queda e a transformação do golpe militar na revolução de 1974”, notou.

Miguel Cardina, investigador do Centro de Estudos Sociais (CES), lembrou que a crise de 62 foi o pretexto para o início das comemorações oficiais dos 50 anos do 25 de Abril, com um colóquio e uma exposição patente no Museu Nacional da História Natural e da Ciência, comissariada por Álvaro

Garrido, diretor da FEUC. Mas o colóquio não serviu apenas para falar da crise de 62.

“A crise de 62 é um momento de uma dinâmica muito mais vasta de politização do movimento estudantil, que tem antecedentes e que se prolonga depois até ao fim da ditadura e depois, reconfigurada, vai surgir já em circunstâncias muito distintas pós 25 de Abril”, afirmou Miguel Cardina.

Ontem, foram também lembradas as lutas durante o período democrático a apontados caminhos e possibilidades do movimento estudantil dos nossos dias.

O colóquio, que se insere na programação “Abril é Agora”, foi organizado pela cooperativa CULTRA, do CES/UC, do Centro de Documentação 25 de Abril da UC e do Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa.

| Patrícia Cruz Almeida

Fernando Rosas participou ontem, na Faculdade de Economia, no colóquio “60 anos de lutas estudantis: do passado ao futuro”, inserido na programação “Abril é Agora”